



QUESTÕES RACIAIS EM SALA DE AULA: TRABALHANDO A DIVERSIDADE EM ÂMBITO ESCOLAR ATRAVÉS DA POESIA

Josefa Janiele Cordeiro Marinho

Universidade Federal Rural Pernambuco
janielemarinho@hotmail.com

Weldingson Dias da Silva Junior

Universidade Federal Rural Pernambuco
weldingsondias123@gmail.com

Maria Auxiliadora Gomes

Universidade Federal Rural de Pernambuco
dora20142010@gmail.com

Resumo: O artigo tem por objetivo discutir uma proposta de intervenção pedagógica que teve como tema a utilização da poesia para abordar questões étnico-raciais no ensino fundamental. Realizou-se a proposta de intervenção com base na observação participante em uma turma do segundo ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino da cidade de Garanhuns-PE. O projeto teve por objetivo promover a discussão das questões raciais em sala de aula de forma lúdica e atrativa, conscientizando sobre a importância do respeito ao outro. Como objetivos específicos, estabelecemos conhecer o gênero poema, identificar os elementos e características que compõem o gênero poema; apresentar fotografias de pessoas de diferentes tons de pele, mostrando um pouco sobre a raiz cultural e elaborar um fanzine¹ com poemas e ilustrações. No decorrer do projeto elaboramos e desenvolvemos atividades propondo a discussão de questões observadas em sala de aula, de modo a envolver os alunos acerca dessas discussões através da poesia. Acreditando que esta experiência faria com que os estudantes compreendessem e se expressassem de forma a brincar com as palavras, sons e ritmos, o projeto em âmbito escolar visou estabelecer relações de convívio com as diferenças presentes na sociedade, e assim, aguçando a sensibilidade, criatividade e criticidade. Como resultados, os alunos de modo geral compreenderam a importância de se reconhecer como são e o quão necessário é aceitar e respeitar o outro. Participaram das atividades e conseguiram confeccionar os fanzines com suas próprias poesias.

Palavras-chave: Poesia. Relações étnico-raciais. Humanização.

RACIAL ISSUES IN A CLASSROOM: WORKING WITH SCHOOL DIVERSITY THROUGH POETRY

Abstract: The article aims to discuss a proposal for pedagogical intervention with the theme of using poetry to address ethnic-racial issues in elementary school. The intervention proposal was based on participant observation in a second-year primary school classroom of the

1 Pequena revista elaborada de forma independente.

municipal teaching network of the city of Garanhuns – PE. The purpose of the project was to promote the discussion of racial issues in the classroom in a playful and attractive manner, raising awareness about the importance of respect for the other. As specific objectives we establish know the poem genre, identify the elements and characteristics that make up the poem genre; presenting photographs of people of different skin tones, showing a bit about the cultural root and to elaborate a fanzine¹ with poems and illustrations. In the course of the project we elaborate and develop activities proposing the discussion of issues observed in the classroom, in order to involve students about these discussions through poetry. Believing that this experience would make students understand and express themselves in a way to play with words, sounds and rhythms, the school-based project aimed to establish relations of conviviality with the differences present in society, and thus enhancing sensitivity, creativity and criticality. As a result students generally understood the importance of recognizing themselves as they are and how necessary it is to accept and respect the other. They participated in the activities and managed to make the fanzines with their own poetry.

Keywords: Poetry. Ethnic-racial relations. Humanization.

Introdução

O presente artigo tem o objetivo de descrever as atividades desenvolvidas nos anos iniciais do ensino fundamental, referentes ao estágio supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns. Foram realizadas três observações e três regências, totalizando seis visitas à instituição de ensino.

O estágio foi desenvolvido em uma escola da rede municipal da cidade de Garanhuns – PE. As observações e as regências foram realizadas em uma turma do 2º ano do ensino fundamental. Como tema trabalhado, abordou-se a questão das relações raciais através da poesia. Tendo como título “Questões raciais na sala de aula: trabalhando a diversidade em âmbito escolar através da poesia”. A fim de trabalhar aquilo que é sugerido nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) e apontado em lei – Lei nº 10.639/03, e depois também reforçado pela Lei nº 11.644/08 –, no que se refere à abordagem das questões raciais em sala de aula.

Ao realizarmos as observações durante o período em que estivemos em sala de aula, percebemos a dificuldade que alguns estudantes têm de se identificar com a sua cor de pele, expressos nas atividades que a professora realizara com os mesmos. Em um país onde os índices de racismo e preconceito são elevados, muitos não conseguem expressar ou aceitar a

naturalidade de sua cor, o que tem se tornado uma questão essencial de luta contra as práticas e ideias racistas, como também por igualdade de direitos. Segundo Azoilda Trindade e Rafael Santos (*apud* SILVA, 2007, p. 10), “[...] ao se falar em educação, não se pode ter em vista apenas a escolarização, mas também o preparo para a tolerância e a diversidade, fundamental para uma sociedade com pluralidade étnica”.

Dessa forma, com base nas observações e sugestões da docente responsável pela turma, viu-se a necessidade de aprofundar esse tema de maneira a incentivar os alunos e fazê-los perceber que apesar das diferenças dos tons de pele, todos se devem respeito, e o quanto é importante reconhecer-se tal qual se é. Optamos por trabalhar com a poesia, pois corroboramos da ideia de Candido (2004) quando fala da capacidade de humanização por meio da literatura; e em específico a poesia que é capaz de sensibilizar, revolucionar a maneira de enxergar o mundo, revelar novos mundos e criando-os também.

Ao elaborar e desenvolver as regências em sala de aula teve-se como objetivo promover a discussão das questões raciais de forma lúdica e atrativa, conscientizando sobre a importância do respeito ao outro.

O trabalho está dividido da seguinte forma: caracterização da escola campo de estágio; apresentação da poesia e seu caráter humanizador; as questões raciais e a importância de sua abordagem em sala de aula; intervenção pedagógica e considerações finais.

Caracterização da escola campo de estágio

A referida escola está localizada na zona urbana do município de Garanhuns - PE, a mesma não possui Projeto Político Pedagógico, conta apenas com uma turma. De acordo com o censo demográfico, a escola conta com equipamentos tecnológicos como computadores, aparelhos de som e projetor. O prédio da escola conta com: 05 salas de aula, funcionando nos períodos manhã (05 turmas de 1º a 4º ano) e tarde (5 turmas de 1º ao 5º ano), totalizando uma quantidade de 09 turmas, 01 sala da diretoria, 01 sala dos professores, 01 secretaria, 01 sala de leitura, 01 cozinha, 01 refeitório, 01 almoxarifado, banheiro feminino e masculino, com adequações para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida. O quadro

de funcionários da escola conta com 01 gestor, 01 coordenadora, 01 agente administrativo, 09 professoras, 09 apoios, 02 auxiliares de disciplina, 01 pessoa responsável pela sala de leitura, 04 auxiliares de serviços gerais, 02 merendeiras, com um total de 30 funcionários.

Letramento literário e o caráter humanizador da poesia

Para abordar as questões relacionadas ao letramento literário, nos embasamos nas ideias de Cosson (2016). De acordo com esse autor, o letramento literário seria “a competência de leitura que o aluno desenvolve dentro do campo literário, levando-o a aprimorar a capacidade de interpretar e a possibilidade de ler em um texto a techedura cultural (COSSON, 2016, p. 103-104)”. Ou seja, ser capaz de dar sentido ao que se lê; apropriar-se do texto e relacioná-lo ao que se vive.

É necessário deixar claro que a literatura, a poesia não são algo engessado utilizado apenas com um fim específico. A poesia é livre, e os alunos têm de ter contato com esta e experimentar sua capacidade de reflexão, significados, pois segundo Filipouski:

A poesia é uma das formas mais radicais que a educação pode oferecer de exercício de liberdade através da leitura, de oportunidade de crescimento e problematização das relações entre pares e de compreensão do contexto onde interagem (FILIPOUSKI, 2006, p. 338).

Ao utilizar o texto literário em sala de aula o docente possibilita que o aluno possa desenvolver suas competências criativas, aguçando a imaginação. De acordo com Cunha (1974, p. 45), a literatura “[...] influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade), em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a literatura infantil tem meios de atuar”. Dessa forma, a literatura possibilita não só atuar no sensível, mas também na capacidade crítica, questionadora, observadora dos estudantes; sendo também uma forma de resistência. Como afirmou Zilberman (2003, p. 18),

Quando o professor possibilita a fruição dos seus alunos, ele está dando reais condições para que estas crianças possam se desenvolver, baseados na liberdade de expressão, independentemente do livro que lhes foi apresentado, pois a justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, de um lado, da relação que estabelece

com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprida toda a referência concreta.

Ou seja, dessa forma o aluno pode perceber que a literatura é vasta e sua relação com o mundo em que ele vive é verdadeira, e esta é sim transformadora, dependendo de como o docente a utiliza em sala de aula.

Ao abordar a questão da humanização através da literatura, nos baseamos em Antonio Candido para definir o que se entende por essa humanização, segundo ele seria:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p.180).

Assim sendo, a literatura se faz indispensável nesse processo humanizador. Sendo esta capaz de proporcionar a compreensão do mundo através de manifestações artísticas. Falando-se da poesia especificamente, Adélia Prado em entrevista ao programa *Sempre Um Papo* (2008), diz que esta humaniza “Porque mostra não a aparência, mas nos induz por causa da emoção que ela nos causa. Ela nos induz à intimidade, à alma das coisas, à nossa própria intimidade e é por isso que ela nos comove; porque mexe”. A literatura tem essa peculiaridade de nos tirar do lugar em comum, de fazer ir além, de transcender.

Abordagem das questões raciais em sala de aula

Com a implementação da Lei nº 11.645/08 torna-se possível o reconhecimento das diferenças no âmbito escolar e, por conseguinte no processo de formação do ser humano que não se restringe somente à escola. Sobre a Lei nº 10.639/03, Nilma Lino Gomes afirma que:

A Lei 10.639/03 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais podem ser consideradas como parte do projeto educativo emancipatório do Movimento Negro em prol de uma educação antirracista e que reconheça e respeite a diversidade. Por isso, essa legislação deve ser entendida como uma medida de ação afirmativa, pois introduz em uma política de caráter universal, a LDBEN 9394/96, uma ação específica voltada para um segmento da população brasileira com um comprovado

histórico de exclusão, de desigualdades de oportunidades educacionais e que luta pelo respeito à sua diferença (GOMES, 2007b, p.106).

Em 2008, com a Lei 11.645 que introduz o artigo 26 à Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96 –, no qual fica estabelecido que:

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras (BRASIL, 2008, p. 1).

Podemos observar as lutas dos movimentos sociais contra o machismo e a homofobia, é intolerável também aceitarmos que o racismo se caracterize como sendo algo “normal” e/ou cultural, pois em um país cuja cultura e diversidade estão presentes de forma bastante nítida, aceitar-se é a melhor maneira de estar lutando por uma sociedade mais igualitária a todos.

O Estado tem o dever de assegurar, através da educação a valorização dos diferentes povos e garantir que as lutas e reivindicações se façam na prática. É necessário o conhecimento da história dos negros e o reconhecimento dessa identidade racial para que estereótipos criados no decorrer da história possam ser deixados de lado para a formação de uma sociedade que conhece, se reconhece e respeita a diversidade existente. Para isso, é fundamental que essas questões sejam discutidas na escola desde o início da escolarização.

É de suma importância iniciar as discussões acerca das questões étnico-raciais no ambiente escolar logo no início do processo escolar, é nesse ambiente que são construídos socialmente valores de relevância para a formação do cidadão. É nesse ambiente que se propagam e acontecem situações de cunho discriminatório. Abordar a história da África e a cultura afro-brasileira em ambiente escolar de maneira responsável influencia para que se desenvolva o respeito e aceitação; e que se conheça o valor das diferentes culturas para a formação de um país mais igualitário com pessoas que conhecem, valorizam e respeitam suas origens.

Proposta de intervenção: resultados e reflexões

No primeiro dia de intervenção, começamos a aula perguntando aos alunos algumas questões básicas sobre preconceito e racismo, o que eles compreendiam sobre estes conceitos e se já haviam presenciado ou vivido em dado momento algum desses atos. As respostas foram bastante diversificadas, e logo a princípio os estudantes apresentaram interesse pelo assunto tratado. Sendo assim, dentre as respostas, ouvimos que as crianças haviam visto tanto na televisão como em casos na família situações de racismo e preconceito, revelando com isto que eles estavam familiarizados com essas situações. Porém, não houve respostas de que as pessoas deveriam se aceitar como elas são.

Em seguida, apresentamos em slide a animação "O cabelo de Lelé", da escritora Valéria Belém (2007), pois a história fala de uma criança que tinha dificuldade de autoaceitação por causa de seu cabelo, e que levou aos alunos uma discussão produtiva sobre a diversidade. Ao término do vídeo, as crianças puderam relatar um pouco sobre o que assistiram, e a partir daí, falaram sobre como cada pessoa deve ser feliz do jeito que é, que não se pode sentir vergonha de si mesmo por causa da cor da pele ou do cabelo, e que o respeito ao próximo, precisa ser valorizado.

Após as discussões, realizamos uma atividade com os alunos sobre a cor da pele. Com isso, apresentamos o lápis que muitos ainda denominam como sendo "lápis cor de pele", e isso acaba sendo reproduzido nos desenhos e/ou atividades que ocorrem em sala de aula. No entanto, ao compreendermos que esta questão continua no modo de pensar das crianças, tivemos a necessidade de explicar que não se pode definir uma cor em específico para a pele, pois vivemos em um país cuja diversidade é imensa. Sendo assim, o lápis designado desse modo não pode representar o branco, o negro, o pardo ou qualquer cor que seja, devido que a cor de cada pessoa é diferente. Em seguida, pedimos que eles desenhassem a mão em seus cadernos de desenho (Imagem 1), e depois a pintassem com a cor do lápis que verdadeiramente representasse a cor de pele deles, e alguns dos resultados foram esses:

Imagem 1: Atividade: Minha cor de pele



Fonte: Elaborado pelos autores

Com isso, entendemos que os estudantes compreenderam o objetivo da atividade, todos foram condizentes com suas características e começaram entender a importância de aceitar e reconhecer-se tal como são.

No segundo dia da intervenção, perguntamos aos alunos o que os mesmos se lembravam do trabalho pedagógico realizado no dia da primeira intervenção, e eles relataram com bastante clareza o que lhes foi apresentado. Em seguida, fazendo um elo com a atividade anterior, passamos o vídeo “A cor de Coraline”, do escritor Alexandre Rampazo (2017), retomando o que eles vivenciaram sobre a questão do lápis “cor de pele”. Nessa história, o personagem Pedrinho pede emprestado a Coraline este lápis designado como “cor de pele”, mas a menina fica em dúvida qual lápis emprestar, pois tendo em mãos uma caixa de lápis com doze cores diferentes, começou a imaginar qual lápis o seu amigo de turma estava lhe pedindo. Assim, Coraline se lembra dos peixinhos dourados que são amarelos, das pessoas que ficam vermelhas quando estão com raiva, e a sua própria cor de pele, pois a menina era negra. Como o enredo trata com criatividade e leveza a questão da diversidade, um assunto muito complexo para a nossa sociedade, convidamos dois alunos para representar os personagens, o que proporcionou uma pequena encenação na sala de aula e uma melhor compreensão do que estava sendo discutido.

Após isso, falamos sobre o que é poesia e a sua estrutura na escrita, pois também trabalhamos a questão racial através deste gênero textual. Escrevemos no quadro da sala a estrutura de uma poesia: as rimas, que são as semelhanças sonoras entre as palavras, os

versos, que são as linhas da poesia, e as estrofes, que se caracteriza por ser o conjunto dos versos. Os alunos, a princípio, ficaram em dúvida sobre esta questão, mas ao explicarmos mais detalhadamente, eles puderam compreender o gênero trabalhado. Apresentamos alguns livros de poesia para que fossem tendo contato e percebendo sua estrutura. Propomos a leitura de alguns poemas, tais como “Tem tudo a ver” do Elias José (2002), além de outros de José Paulo Paes. Apresentado abaixo:

*A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.*

*A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.*

*A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.*

*A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo*

Com isso, pedimos para que eles fizessem uma pequena poesia (com no máximo três versos) e estas poesias seriam utilizadas nos fanzines que os mesmos realizariam depois. As palavras para a composição da poesia foram retiradas do livro “A cor de Coraline” (RAMPAZZO, 2017), para que eles não perdessem o foco da temática da intervenção, que é a questão racial em sala de aula.

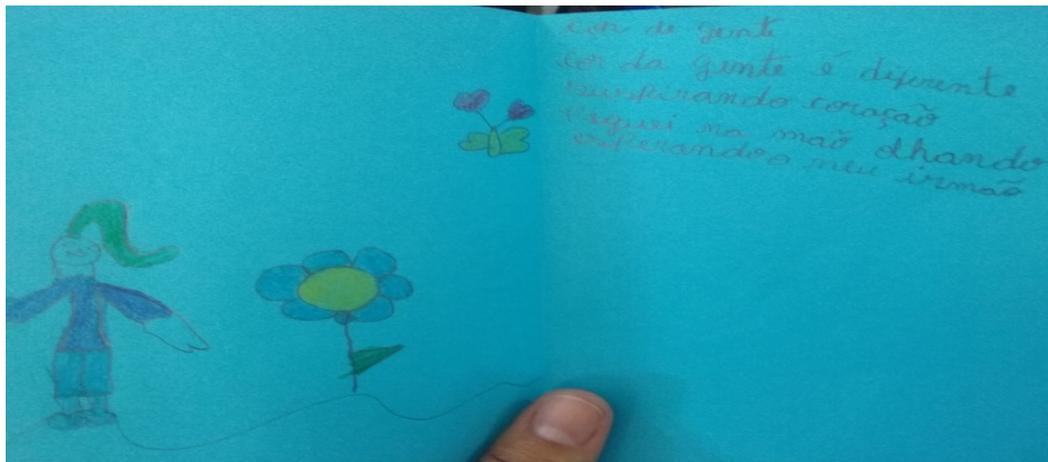
No terceiro e último dia da intervenção em âmbito escolar, recapitulamos tudo o que foi abordado nos outros dias de intervenção, e houve um momento de discussão com o que fora trabalhado em sala de aula. Os alunos falaram sobre os vídeos “O cabelo de Lelê” (REZENDE, 2007) – que a princípio não gostava de seu cabelo, mas depois passou a se aceitar do jeito que ela era, se tornando uma menina feliz – e “A cor de Coraline” (RAMPAZZO, 2017) – no qual a personagem não sabia qual lápis emprestar ao seu colega devido a existir uma infinidade de cores de pele das pessoas. Falaram também sobre a poesia, que se divide em rimas, versos e estrofes, além do respeito que se deve ter por todas as pessoas, sem preconceito e/ou racismo pelo próximo por causa da cor da pele. Ainda sobre isso, lembraram também dos desenhos das mãos que realizaram, e que não se pode designar um lápis “cor de pele” para todos, pois como já foi dito, as pessoas são diferentes e precisam ser respeitadas.

Em seguida, reproduzimos o vídeo “Minha mãe é negra sim”, da escritora Patrícia Santana (2008), no qual os alunos puderam observar na história a reação do personagem Eno, quando sua professora lhe ordena que pinte a mãe dele com a cor de lápis amarelo, sendo que a mãe do garoto é negra. Fica evidente no enredo que a professora tem preconceito por quem é negro, e quando iniciamos a discussão do vídeo, os estudantes relataram a tristeza de Eno e a postura da professora, mas que ao conversar com o seu avô, ficou feliz ao saber de suas origens e cultura.

Após isso, os alunos confeccionaram seus próprios fanzines (Imagem 2), com desenhos, ilustrações e com as poesias que os mesmos fizeram na aula anterior (Imagem 3). Quando todos terminaram, expomos suas obras na sala de aula, ficando à mostra para todos que entrassem no ambiente.

Imagem 2: Fanzines

Fonte: Elaborado pelos autores

Imagem 3: Poesia de uma aluna

Fonte: Elaborado pelos autores

Considerações finais

Diante das observações realizadas e o período dedicado às intervenções em uma de 2º ano do ensino fundamental, foi notável a importância de trabalhar o respeito à diversidade em sala de aula. Na sociedade contemporânea, no qual ainda impera com bastante veemência ações racistas e preconceituosas, percebemos a dificuldade que muitas pessoas têm de se reconhecer como sendo negras, ficando isso evidente também com algumas crianças no

ambiente escolar. Dessa forma, percebe-se o quão importante é ter consciência disso e saber qual o papel do docente sobre essas questões para que os estereótipos sejam desconstruídos e a cultura negra / africana seja enaltecida.

O projeto de intervenção propôs trabalhar com os alunos essa temática de forma que os mesmos pudessem se posicionar diante das atividades propostas, pois as crianças aceitam a esse modo de “ensinar e aprender”, constatando isso nas observações em sala e no decorrer do projeto, no qual conseguimos obter êxito em relação aos objetivos pretendidos. Sendo assim, percebemos também que todo um conjunto precisa estar unido (alunos, pais, professores) para que haja o reconhecimento e a valorização da identidade negra e, sobretudo, do ser humano – em um processo de conscientização por parte de todos.

O período de estágio na escola, e mais precisamente na sala de aula foi bastante rico para a nossa formação enquanto futuros professores. Percebemos a importância de ter esse contato inicial com a sala de aula, de aprender com os docentes em atuação, tendo em visto sua experiência e assim, poder compartilhar atitudes e conhecimentos, essenciais para trabalho do pedagogo.

Referências

ADÉLIA Prado no Sempre Um Papo. 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

BRANDÃO, Ana Maria; TRINDADE, Azoilda Loreto da (Org.). **Modos de brincar:** caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

BRANDÃO, Ana Maria (Org.). **Modos de fazer:** caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: LIMA, Aldo de (Org.). **O direito à literatura.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 17-40.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

CRUZ, Shirleide Pereira Silva; NETO, José Batista. A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, maio/ago. 2012, v. 17, n. 51, p. 385-398.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Como Ensinar Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Bernardo Álvares, 1974.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Para formar leitores e combater a crise da leitura na escola: acesso à poesia como direito humano. In: **Ciências e Letras**: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras. Momentos da Poesia – Dossiê Mario Quintana. Porto Alegre, JUN./JUL. 2006.

FONTANA, Roseli A. Cação. O estágio curricular nos anos iniciais do ensino fundamental – apontamentos sobre o processo de inserção no campo de estágio. **Olh@res**, Guarulhos, SP, maio 2013, v. 1, n. 1, p. 141-162.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

JOSÉ, Elias. **Segredinhos de amor**. São Paulo: Moderna, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / SEPIR. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF: SEPIR / MEC, out. 2004.

PLACCO, Vera Maria Nigro de S. **Formação de professores**: o espaço de atuação do coordenador pedagógico-educacional. In: FERREIRA, Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. Para onde vão à orientação e a supervisão educacional? Campinas: Papyrus, 2002.

SILVA, Maurício Pedro da Silva. Novas diretrizes curriculares para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana: a lei 10.639/03. **EccoS**, São Paulo, jan./jun. 2007, v. 9, n. 1, p. 39-53.

SOUZA, Ângela; SODRÉ, Patrícia. Literatura Infanto-juvenil e Relações étnico-Raciais no Ensino Fundamental. **Relatório Anual**, PUC-Rio, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.